

ALVARO GARCÍA DE ZÚNIGA

ACTUEUR III

(MATACTOR III)

tradução de Fernando Mora Ramos

Ni Théâtre III

(Nem Teatro III)

Lisboa 1998

Farto - hélas - farto da cena,
uma vez posto o escuro
tombado mesmo de face
ao escuro mesmo em face da
escuridão que escurece a sua face,
o matactor, esgotado, só con-
sigo mesmo o seu cérebro como se
nada fosse, jogando só com
o seu cadáver como se nunca
nada tivesse sido, esmigalhado, de-
pois de ter sido apenas uma
única vez migalha, uma vez a
noite escurecida tendo escurecido
definitivamente a negrura do seu
aborrecimento, o actor que actuou,
matactuou com o seu cérebro que
cadáver e o silêncio verosímeis,
para não mais travessão-zar,

nem parentesis-zar, nem
dois-pontar, nem entre-aspas-zar,
nem italicar, nem a menor
migalha de voz laringuindo, nem
linguando, nem falando, murmurando,
ruídoando, ou mesmo nem embalando
nem falando, dizendo seja o que for,
nem o que quer que seja,
nem de todo todo nada, morto,
definitivamente morto de todo,
depois de tudo ter actu-morto, matado,
matactuado, sem o mínimo passado
bem passando-o, nem por vir, ou
mesmo nem o menor pré, nem sentir,
como se nunca nada tivesse
sido, nunca eu, nunca eu-jectado,

farto depois de ter aberto abrindo
aberto, para começar, fechar, reabrir
abrindo-reaberto, recomeçado a
recomeçar e refechar, e
ainda re-reabrir e ainda
re-recomeçado e re-refechado
ainda e ainda e ainda
ainda, depois de ter chegado a
ter (até à vista ver) esquecido, e
calar-se, etcétera, farto, esgotado,
só, farto de ter sido apenas
uma única vez meio ter sido,
como se nunca nada tivesse
meio-sido, só e esgotado que
estava consigo e a escuridão
do cadáver do seu cérebro
que o cadaveriza e escurece
exactamente em face do escuro

que definitivamente o matactuou,
como se nada fosse, ex-cutado, ex-
tinto, o ejactuator pulsilânime.

Como se nada se extinguísse.

Como se nada nunca tivesse
sido extinto.